

## PREFÁCIO\*

*Maurílio Castro de Matos*

O livro que temos aqui surge num importante contexto, onde muito se tem falado sobre saúde em decorrência da pandemia da Covid-19. Ao reunir artigos sobre Saúde e Serviço Social, a obra traz subsídios para entendermos as origens da chamada crise da saúde, mas também sobre as potencialidades postas na concepção de saúde proposta pela reforma sanitária brasileira e na construção de uma sociabilidade marcada pela diversidade humana, indicando, também, a contribuição que o Projeto ético-político do Serviço Social pode dar na afirmação dessas potencialidades.

A pandemia da Covid-19 desmascarou a falácia dos argumentos que defendem que a saúde possa ser regulada pelo mercado. Afinal, para o seu enfrentamento tem sido necessária a mobilização de um conjunto de ações em saúde, a exemplo de um processo de trabalho em saúde que seja eficaz; a realização de uma prática educativa com a socialização de informações para controle do contágio; o investimento em pesquisas para vacinas e aprimoramento do tratamento, dentre outros. Essas ações, e outras uma vez que se tratam apenas de alguns exemplos, mostram a necessidade de a saúde estar alinhada a uma política de saúde pública e estatal. Ainda mais num país com imensa desigualdade social, onde grandes frações da classe trabalhadora brasileira se submetem a venda da sua força de trabalho em condições de precariedade e sem direitos trabalhistas, não se pode pensar a atenção a saúde - em sua totalidade - sem o Estado.

A Constituição Federal de 1988 atribuiu ao Estado uma responsabilidade na garantia dos direitos sociais, a exemplo da Seguridade Social (composta pela Saúde, Assistência Social e Previdência Social). No entanto, desde então a Constituição vem sofrendo muitas alterações, apontando para a regressão dos direitos conquistados pela classe trabalhadora. Nesse contexto tem aumentado o sucateamento e o desfinanciamento de diversas políticas, como a Educação e a Saúde. Somam-se a isso sucessivos discursos sobre a ineficiência dos serviços públicos, para justificar a defesa da privatização. Na pandemia também ficou escancarado o limite de todas essas ações e argumentos contrários as políticas sociais públicas e de seus trabalhadores e trabalhadoras. Afinal, tem sido os egressos e egressas do ensino público que vem atuando, na sua maioria, na ponta dos atendimentos em Saúde e que têm pesquisado insistentemente para a criação das vacinas e o avanço do tratamento da Covid-19. Também temos assistido o protagonismo das instituições públicas, como o Instituto Butantã e a Fiocruz, na condução das pesquisas. Além é claro do trabalho desenvolvido nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) que tem salvado vidas. Por fim, a Universidade pública também não está parada. Muitas pesquisas, por diferentes áreas do conhecimento, vêm envidando esforços para a compreensão da realidade. O livro que temos em mãos é um exemplo.

Ao todo são doze artigos organizados em cinco partes. O livro inicia com uma análise geral da política de saúde e os desafios para a residência multiprofissional na área. Enfrenta o necessário debate sobre o uso prejudicial de drogas e sua interface com o racismo, o encarceramento e gênero. Trata dos sujeitos sociais em sua diversidade geracional, de gênero,

---

\* DOI- 10.29388/978-65-81417-27-7-0-f.7-9

identidade e de orientação sexual. Reafirma o compromisso da Universidade com a sociedade a partir de profícuas reflexões tendo como campo empírico Campos dos Goytacazes. E como expressão de todo o trabalho desenvolvido pelo Gripes - Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cotidiano e Saúde do Departamento de Serviço Social de Campos, da Universidade Federal Fluminense - são registradas e problematizadas as atividades coletivas do Grupo de Pesquisa, com destaque para a reflexão sobre a experiência de assessoria escrita pelos diferentes sujeitos que compuseram essas atividades. Por fim, a merecida homenagem a professora Denise Chrysóstomo de Moura Juncá, idealizadora do Grupo.

O livro reúne diversos pesquisadores e pesquisadoras em torno da história bem sucedida de uma construção coletiva e como poderá ser reparado, reúne autores e autoras de outras universidades e pesquisadores/as - docentes, egressos/as e discentes - vinculados ao Gripes. Essa confluência de pessoas, com origens e inserções diversificadas, demonstra a riqueza de um livro que antes de ser livro, é uma realidade em movimento.

A realidade em movimento a que estamos nos referindo é a da Universidade, que quando socialmente referenciada, desenvolve atividades de pesquisa, extensão, articula com rede de pesquisadores, compartilha conhecimento, aprende nas idas a campo etc. Enfim, uma Universidade que não se restringe aos seus campus, mas que interage, buscando afirmar o seu papel social.

O Gripes está vinculado a uma importante e histórica Escola de Serviço Social e, por isso não é um acaso que a profissão seja um dos objetos abordados no livro. Em torno da saúde e do Serviço Social temos preciosas análises sobre a política de saúde, saúde mental, residência multiprofissional, a questão das drogas, racismo, envelhecimento, direitos da população LGBT, trabalhadores rurais e assistência estudantil. Afinal, esses temas são da lida cotidiana da intervenção profissional de Assistentes Sociais e da maneira que aqui são abordados, de forma crítica e indicando caminhos, são ferramentas importantes para o trabalho de Assistentes Sociais e demais profissionais da saúde.

A saúde é historicamente uma importante área para o Serviço Social. Tão logo se conformou no Brasil o complexo médico-hospitalar, com criação dos primeiros grandes hospitais nos idos de 1940, os/as Assistentes Sociais foram rapidamente requisitados a trabalhar nesses serviços. Essa rápida inserção se deu em virtude da complexificação do processo saúde-doença nos marcos do capitalismo monopolista, no contexto de ampliação dos serviços e aumento da demanda pelo direito a saúde.

Ainda que por vezes associados, em geral, a política de Assistência Social ou na sua negação, ao assistencialismo, é na saúde que assistentes sociais vão ter no decorrer da história os maiores campos de trabalho, com vínculos estáveis e planos de carreira, seguindo a forma da contratação da força de trabalho do setor. No entanto, esta realidade vem sendo alterada vide as sucessivas reformas trabalhistas e a regulamentação da precarização do trabalho.

Nesse contexto é que Assistentes Sociais vêm, em conjunto com organizações dos trabalhadores/as e dos movimentos sociais, lutando pela defesa das políticas públicas. Na saúde vêm se somando na defesa dos princípios originários da reforma sanitária. Tal defesa se dá no trabalho profissional, no ensino, na pesquisa (do qual esse livro é um contributo inquestionável), nos espaços de participação social e nas lutas. Nesse último tem ganhado destaque a participação na Frente Nacional contra a privatização da Saúde, que tem tido um destaque nas lutas em defesa do SUS cem por cento público e estatal, antes mesmo da pandemia da Covid-19.

Se afirmamos que as políticas sociais e o serviço público muito têm feito no enfrentamento a pandemia, sabemos, por outro lado da dificuldade no contexto brasileiro, uma vez que por aqui o governo federal sistematicamente vem negando todas as orientações da saúde pública, como o distanciamento social, uso de máscaras e a relevância das vacinas.

A publicação desse livro, exatamente num período tão difícil como o da pandemia da Covid-19 - acompanhada no Brasil com discursos de negacionismo, de terraplanismo e que pregam o desprezo pela diversidade humana - é revigorante.

Afinal, é da Universidade pública, ainda não defendida por toda a população, que mais uma vez vem o respiro coletivo que fortalece a ciência e o pensamento crítico. Ambos, importantes para a construção de uma sociedade onde a liberdade possa ser a essência.